

o particular conjunto de aglomerados de «métodos» e «vocações» que constitui hoje a sociologia.

É por isso que a intenção dos autores, de dirigir o livro a recém-licenciados e outros jovens sociólogos, não deve ser desrespeitada

ao ponto de *Sociology Reinterpreted* ser utilizado como texto de introdução à sociologia. Sem outras sociologias à mão, não é aconselhável que se deite mão a esta.

Miguel Esteves Cardoso

UMA CONQUISTA PACÍFICA

**Sidney Pollard,
Peaceful Conquest,
The Industrialisation of
Europe, 1760-1970,
Oxford,
Oxford University Press, 1981**

A *Peaceful Conquest*, de Sidney Pollard, insere-se numa linha de esforços para englobar num esquema analítico único a experiência vasta e multiforme havida por toda a Europa, entre os fins de Setecentos e a primeira metade de Novecentos, com o processo de industrialização. Sendo já numerosos os trabalhos neste género e relativamente longa esta corrente — basta lembrar que o *Etapas do Crescimento Económico*, de Rostow, data de 1960 —, resulta para este mais recente de todos estes estudos uma responsabilidade evidente de abrir novos caminhos, de enriquecer a visão corrente do problema e, ao mesmo tempo, de incluir na sua base de dados tudo o que tenha sido feito neste domínio até à data.

Quanto à descendência intelectual, a obra em apreço recolheu dos seus antepassados uma herança rica. De Rostow herdou o conceito de *arranque* no crescimento e na transformação estrutural, de Gerschenkron herdou a ideia de que «o processo de mudança nunca se repete identicamente» (p. 333). De Landes veio-lhe a importância central a atribuir tanto à transmissão de nova tecnologia, das economias

mais avançadas para as que começaram a transformar-se, como ao papel fundamental nisto da Inglaterra, até ao último quartel do século XIX. De Milward e Saul e de Cipolla adquiriu a noção de que a industrialização ocorreu não apenas nas economias «clássicas» da Grã-Bretanha, França e Alemanha, mas também, com grande sucesso, em pequenos países como a Bélgica e a Suíça, assim como, com atraso e dificuldade, em países nem sempre pequenos, mas sempre periféricos pela geografia e pela capacidade económica. De Mendels e Kriedte veio-lhe o relevo a dar aos antecedentes proto-industriais de qualquer região na determinação das suas possibilidades para a industrialização.

Com base em semelhante capital de conhecimentos e de ideias, são duas as direcções em que Pollard desbrava novo terreno com este livro. Uma delas é a utilização da *região* como unidade espacial de análise em lugar do *país*, que ele vê como assumindo relevância para a história económica europeia apenas em fins do século XIX, na era do neomercantilismo, como lhe chama. A outra é a indagação aprofundada acerca do mecanismo de transmissão da industrialização, de região para região, e que, visto como um processo imitativo, irá, a partir da Inglaterra, atravessar, ao longo do tempo, por estágios su-

cessivos, zonas da Europa cada vez menos aptas para absorver este processo de transformação, até atingir países como a Sérvia e Portugal, já tarde de mais para ter grande efeito neles.

Não sendo qualquer destas questões inteiramente original, o que faz com que este livro ganhe com elas frescura interpretativa é a ênfase e o desenvolvimento de ideias de que nele elas são objecto. Exemplificativo disto é o modo estimulante como Pollard aborda a esbatada comparação das economias inglesa e francesa nas vésperas da revolução industrial, quando a pergunta que se põe sempre é porquê a Inglaterra e não a França? Na sua óptica, haveria em Inglaterra cerca de dez regiões com as dimensões, os recursos e a estrutura económica favoráveis à industrialização. Em França, nessa altura apenas cinco ou seis regiões teriam a mesma propensão. Em Inglaterra, vicissitudes várias do processo determinaram que duas ou três destas regiões perdessem velocidade e caíssem fora desta «corrida». As outras, porém, eram suficientemente numerosas e próximas no espaço para se reforçarem mutuamente. Em França, semelhantes vicissitudes produziram baixas também, só que o que restou era mais escasso e a sua dispersão espacial era desfavorável para a economia do conjunto. *Quod erat demonstrandum* — a Inglaterra estava afinal em vantagem à partida e a revolução industrial não eclodiu e se propagou no seu território por acaso.

Para além destas dimensões mais vincadamente inovadores, são muitos outros os méritos desta obra, desde a riqueza e densidade do texto até à bibliografia verdadeiramente enciclopédica em que ele se fundamenta. Nem tudo é perfeito, no entanto, e há azo para duvidar

se *Peaceful Conquest* corresponderá inteiramente à pesada responsabilidade que sobre ele recai. Na verdade, enquanto são admiráveis as primeiras duzentas páginas do livro, pela argúcia, a erudição e a coerência do argumento, a partir do capítulo 5, o trabalho de Sidney Pollard torna-se muito menos convincente. Por um lado, isto resulta da opção tomada de ignorar qualquer região da Europa desde que se possa designá-la como «industrializada». Em consequência, a partir de 1875, a França e a Alemanha praticamente deixam de existir neste estudo, precisamente no momento em que se acaba a sua fase imitativa e se enceta um novo processo, o da geração própria de tecnologia industrial. Nem sequer são boas as justificações aduzidas para tal procedimento, pois não se pode dizer que nessa altura tenha cessado a industrialização, como Pollard sugere, sendo ele mesmo quem afirma, em dado passo, não querer definir exactamente o que é «industrialização» (p. 332).

Por outro lado, é escassamente elucidativa a análise global da transformação económica da periferia europeia, a partir do último quartel do século XIX, que fica muito aquém, por exemplo, do recente trabalho de Berend e Ranke (*Journal of European Economic History*, 1981). Perde-se quase inteiramente de vista, quer a abordagem regional, quer a ênfase salutar, no princípio do livro, na dotação natural e humana de recursos. Em particular, não se distingue uma linha de raciocínio comum aos casos abordados, que são simplesmente apresentados em separado, um após o outro, sem qualquer relação de síntese em relação à grande diversidade de experiências. Ficamos, por conseguinte, por entender como, por exemplo, as razões do fracasso espanhol e as do sucesso sueco se

ligam num só modelo explicativo. No que diz respeito ao século XX, a análise de *Peaceful Conquest* continua a perder velocidade e a questão da difícil industrialização do Leste europeu, entre 1919 e 1939, surge potencialmente interessante, mas superficial na abordagem.

Em conclusão: um livro importante, que não pode ser excluído da nossa biblioteca mínima de história económica europeia, mas leitura por vezes frustrante e desapontadora, dados o nome do autor e a matéria que ele se propôs tratar.

Jaime Reis